
O FACEBOOK COMO TRANSFIGURAÇÃO DO OUTRO COMO UM SI-MESMO

FACEBOOK AS THE TRANSFIGURATION OF THE OTHER AS ONESELF
EL FACEBOOK COMO TRANSFIGURACIÓN DEL OTRO COMO UN SÍ MISMO

Lúcia Maria Vaz Peres*
José Aparecido Celório**
Lisandro Lucas de Lima Moura***

Resumo: O presente texto, de caráter ensaístico, apresenta uma discussão entre integrantes do GEPIEM (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória) sobre a rede social Facebook. Como educadores, pesquisadores e usuários dessa mesma rede, nosso intuito foi exercer uma criticidade compreensiva sobre este fenômeno característico da sociedade pós-moderna e seus desdobramentos na formação e comportamento humanos. Nesse sentido, o texto emerge da impotência frente aos desvãos e desencontros comunicativos que observamos nessa rede social. Por isso, optamos por problematizá-lo à luz dos estudos do Imaginário.

Palavras-chave: Facebook; imaginário; educação.

Abstract: This text, written as an essay, presents a discussion among members of GEPIEM (*Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória – Study and Research Group on Imaginariness, Education, and Memory*) about the social network Facebook. As educators, researchers, and users of this network, our goal was to exert a tolerant critique on this phenomenon, which is characteristic of the post-modern society, and its consequences for human behavior and development. In this sense, the text emerges from the impotence against communicative gaps and divergences that we have observed in this social network. Thus, we chose to problematize it based on studies about Imaginariness.

Keywords: Facebook; imaginary; education.

*Nesse momento da história da Vida, a compreensão das
relações causais mostra-se limitada e o espírito humano tem de
inventar seres mais ou menos a sua imagem. Transfere para a
vontade e o poder deles as experiências dolorosas e trágicas do
seu destino.*

Albert Einstein

Desde o surgimento do Facebook, em 2004, os observadores atentos não tardaram em identificá-lo como a ferramenta mais adequada à essência da comunicação humana na pós-modernidade. A plataforma logo

se tornou a maior rede social do mundo, porque conseguiu rapidamente refletir a mentalidade humana baseada na dinâmica de rede e no laço social, características da nova comunicação sócio-antropológica.

Os *likes*, os compartilhamentos, as “cutucadas”, os virais, os eventos coletivos, os corações em comentários, o sistema de marcação e o fluxo de comunicação que compõem a estrutura dinâmica dessa rede social orientam as ações dos indivíduos isolados no sentido da comunicação, do contato e do contágio. Não é mais possível ignorar a presença do outro estranho. O “sucesso” do Facebook é consequência não apenas da genialidade empresarial (des)comprometida dos seus fundadores, mas do desejo de humanidade que havia sido rompido pela modernidade racional: o retorno da comunidade em tempos de virtualidade. A rede, costuma-se dizer, é a forma que as pessoas encontraram para recuperar sua humanidade e o espírito comunitário que nos é intrínseco.

Diante do exposto, para além do Facebook como “tipo ideal” de comunicação, este texto busca pensar as contradições e os descaminhos do comportamento humano nas redes sociais. Ou seja, mostrar esta rede social invertida, o seu contrário, como transfiguração do outro em um si-mesmo; mostrar o lado de sombras que fingimos não ver, mas que se expressa de forma cada vez mais aguda em tempos de crise social, moral e política no Brasil.

Por ausência de pesquisas sobre o tema, escrevemos este texto de maneira ensaística, para lançar questões particulares que podem ser de todos nós. Nesse sentido, o texto emerge da impotência frente aos devãos e desencontros comunicativos que observamos nessa rede social. Como educadores e formadores, valorizamos as diferentes ferramentas que potencializam a formação humana, no sentido genuíno do termo. É pensando no terreno da Educação e nas possibilidades que nela encontramos de realizar aquilo que Durand (1997, p. 432) denominou de “comunidade arquetipal das almas”, que viemos compartilhar com o leitor nossas inquietações, que obviamente não se encerram no espaço deste texto.

Na trilha dos estudos do Imaginário, percebemos que, desde os primórdios, o Ser-homem demonstrou alta capacidade simbolizadora e fez uso dessa habilidade para se comunicar, conquistar e exercer poder. Para Gilbert Durand, a criação artística deve ser analisada como parte de uma Poética do Imaginário, que interpreta os símbolos e as imagens recorrentes como projeções inconscientes dos arquétipos que se configuram nas profundezas da psiquê coletiva.

Verdade que ‘a civilização da imagem’ permitiu a descoberta dos poderes da imagem há tanto tempo recalcados, aprofundou as definições, os mecanismos de formação, as deformações e as eclipses da imagem [...] ‘efeitos perversos’

que ameaçam a humanidade do *Sapiens* (DURAND, 2011, p. 117-118).

Como educadores, exercendo a criticidade necessária, percebemos que nosso comportamento nas redes vem se distanciando daquele sentido ideal do Facebook, exposto no primeiro parágrafo. Ao invés de *posts* que ajudem a alavancar imagens que estimulem as pessoas de todas as idades, em especial os jovens, a construir representações de si e do outro como potenciais de uma sociedade melhor, o que vemos? Vemos o ódio, a raiva, a difamação, a vingança e a discriminação; vemos as pessoas reafirmarem imagens estranhas dos outros como brincadeira e diversão. Em vez da promessa da comunhão comunitária, o que vemos é a face perversa da humanidade refletida na tela. Parafraseando Gilbert Durand, vemos os efeitos perversos que ameaçam a humanidade que nos habita.

No entanto, a postura crítica pode nos ser também traiçoeira e acabar nos afastando da compreensão adequada do fenômeno. A perspectiva crítica requer uma postura de separação do sujeito em relação ao mundo circundante e, conseqüentemente, ao objeto que pretende apreender. É uma postura de desconfiança em relação à vida e não de ligação a ela. O necessário aqui seria exercitar um “saber encarnado”, ligado ao mundo, como sugere Maffesoli (1988, 1995). Pensar o Facebook como espaço do devir e não como objeto alienante que deve ser exterminado a todo custo pela espada da crítica. Caso contrário, corremos o risco de assumir uma constatação teórica redutora ao estigmatizar as pessoas que se expressam na tela. Por isso, optamos, neste texto, em problematizar a situação atual à luz dos estudos desenvolvidos pela perspectiva simbólica do imaginário humano.

Imaginário e Facebook

Aceitando-se tal premissa, abordaremos o tema com base nos estudos e investigações em seu Centro de Estudos do Imaginário (Centre de Recherche sur l’imaginaire), cuja importância remonta aos anos 60, na França. Nele participaram estudiosos extremamente significativos como precursores deste campo de estudos. Foram eles: Mircea Eliade, Ernest Cassirer, Henri Corbin, Gilbert Durand, Edgard Morin e Michel Maffesoli. Estes dois últimos ainda são vivos. Este Centro surge para se contrapor a duas correntes hegemônicas na França: o estruturalismo de Lévi-Strauss, a corrente marxista e outros tantos “istas”. Nesse sentido, o Centro “abraça” intelectuais que não estavam se engajando dentro dessas duas grandes correntes do pensamento moderno.

A influência, portanto, do pensamento de Durand, caracterizou-se por ser este bastante diversificado, cujo berço se assenta naquilo que chamou de “bacia semântica” (2001), como um grande rio onde deságuam

os pensamentos de diversos autores. Ao ler a obra do autor citado, vamos encontrar referências destes integrantes do Centro, dentre outros que tiveram grande influência também no interior deste grupo. São eles: seu orientador Gaston Bachelard e Carl Gustav Jung, para citar os mais clássicos.

Dito isso, queremos demarcar um tipo de tessitura compreensiva na direção do desvelamento da essência do Ser-Homem, tendo como foco o Facebook como uma transfiguração do outro como um Si-mesmo. Percebe-se que as postagens nesta rede social estão carregadas de imagens, de símbolos e de mitos coletivos. Parafraseando Paul Ricoeur (1991), falam de Si-mesmos e de “muitos outros” como fragmentos de Si-próprios carregados dos muitos outros em si próprios, transfigurando o outro como a Si-mesmo.

Pensamos que esta modalidade de comunicação, através de uma rede social, é apenas uma dentre as tantas características deste tempo... Vivemos condições e relações que mudam muito rápido e não temos tempo (e talvez nem vontade) para pensar e refletir sobre elas. Nossas referências políticas, morais, éticas e profissionais já não dão mais conta de temporalidades que extrapolem o individualismo, a concorrência, o vale-tudo, o desrespeito. A rapidez pede passagem em nome daquilo que precisa ser: forte em meio à fragilidade da efemeridade do que me circunda.

Mesmo não sendo especialistas neste assunto – o das tecnologias de comunicação –, pensamos que o Facebook possa ser um dos caminhos para fazer aparecerem as nossas faces de caráter (somos plurais) e, também, a nossa fragilidade humana diante de um sentido de vida que não encontramos, por mais que busquemos.

Os *posts* podem reavivar relações que achávamos estar perdidas, ou nos distanciar do olhar e do rosto que está mais próximo. Se é uma porta aberta para o fora-da-lei, também pode ser por onde se despedem as verdadeiras relações de convivência; parece ser um local onde podemos expor as nossas idiossincrasias mais egocêntricas e cínicas, mas também é uma estrada para nos protegermos das mais vastas vingarices humanas. Estopim para a súplica imperfeita? Gôndola insossa do mercado de si, glória dos mais tímidos? Sim, é lugar em que, ali estando, conseguimos medir a atenção que queremos do outro, a atenção que damos ao outro e a atenção que damos a nós mesmos. Pode ser um lugar de refúgio e de encontro de si, ou um lugar de fuga ou perda de Si-mesmo transfigurado no outro e da parte de nós que está no outro.

É interessante observar, pois, como esse espaço-tempo das imagens é capaz de imitar o espaço-tempo da vida; porém, mais do que imitar, esse espaço-tempo das imagens é capaz de fornecer uma abordagem muito mais densa e intensa. É por isso que nós preferimos, muitas vezes, o mundo das

imagens ao mundo da realidade, um romance à vida, um filme à realidade. Há nesta transmutação espaço-temporal das imagens um verdadeiro mundo, e esse mundo pode ser tanto negativo quanto positivo, angustiante, mas também fonte de felicidade. Outro aspecto da imagem é a questão afetiva, antes como representação sensível, antes como representação intelectual e que não é totalmente abstrata; imagem que nos toca e provoca nossos afetos. Sabe-se como se produz uma dialética entre afeto e representação. A representação é o espelho do afeto. Mas sabe-se como a representação modifica os afetos. (WUNENBURGER, 2013, p. 312).

Com as mídias eletrônicas e digitais, as imagens se multiplicaram e, por consequência, o mundo das imagens e o mundo da realidade vivida se confundem, modificando ou nos apresentando outros modos de construir laços e afetos. O acesso foi facilitado e o alcance desses espaços se ampliou, assim como o risco de sermos manipulados por estes, sem tempo para o pensamento crítico e reflexivo. A partir dessas reflexões, podemos pensar nas imagens construídas a partir do que é lido, compartilhado e até curtido no Facebook. Pode-se dizer que nesse espaço-tempo das imagens, o Si e o Outro vão fixando identidades e pertencimentos nesta transmutação espaço-temporal.

Os laços e os desenlaços no Facebook

Michel Maffesoli (1988, 1995, 2001, 2014) se dedicou ao estudo da pós-modernidade com um olhar aguçado para as novas tecnologias. Ele defende que as redes sociais representam a versão pós-moderna dos antigos laços comunitários. A técnica possibilita o retorno da comunicação interativa, o avanço da razão sensível sobre o racionalismo instrumental, que nos faz entender que a “aura” dos antigos permanece viva na mais avançada tecnologia. Através dessa ótica, o Facebook seria a reprodução contemporânea do gesto ancestral dos nossos antepassados, que contavam histórias e causos em volta da fogueira, como forma de renovar a motivação de suas buscas. A rede social é a brecha que o indivíduo contemporâneo encontrou para recuperar o tempo perdido que antigamente era dedicado ao outro. Se não temos tempo de visitar os amigos para tomar um chá na tarde de domingo – se a modernidade nos usurpou esse singelo gesto – nós o recuperamos ao visitar o perfil do amigo no Facebook e curtir seus *posts*. É o formato contemporâneo da antiga visita caseira. Dar um *like* no comentário de alguém é a forma mais humana que encontramos para demonstrar afeto e atenção pelo outro, já que não posso mais fazê-lo em outras circunstâncias. A ideia de realidade foi tecnologicamente transformada.

Para Maffesoli, a socialidade em rede encontra eco no declínio das instituições oficiais, na perda de relevância do Contrato Social. Uma era de liberdade exagerada que pressupõe a “morte ao pai” e a descrença em tudo que é vertical. Do governo à universidade, dos bancos à polícia, toda forma de poder vertical é refutada, desacreditada, violentada. De acordo com o sociólogo,

de uma maneira inconsciente o querer viver coletivo não se reconhece mais nas formas modernas próprias ao “Contrato Social”, isso não significa que não haja mais nada. A energia própria da socialidade se investe nesses lugares, reais ou simbólicos, onde as tribos pós-modernas dividem os gostos (musicais, culturais, sexuais, esportivos, religiosos...) que servem de cimento (*ethos*) ao fato de estar-juntos. Digo e repito: *o lugar cria ligação*. (MAFFESOLI, 2014, p. 5, grifos do autor).

A energia própria da socialidade contemporânea abarcaria também a “parte maldita” da existência humana, uma vez que estamos falando da inteireza do ser, que passa agora a se expressar sem as amarras do moralismo. Essa “parte maldita” expressa-se no existencialismo selvagem de que o Facebook é o melhor exemplo nos tempos atuais. Se pensarmos pela ótica do autor citado, a selvageria existencial é muito mais uma oportunidade de revivermos interna e externamente a ressurgência de formas arcaicas de vida do que propriamente um motivo para surtos nervosos. É o nosso reencontro com a natureza. Somos selvagens, mas esquecemos disso há muito tempo. A tentativa de fortalecer esse reencontro aparece constantemente nas *time lines* e em tantos outros lugares onde reinam a festa, o transe e a exaltação coletiva, pois toda atitude selvagem, em sua plenitude, tem o direito de ser também violenta, imoral e impura. Porque somos natureza. Sem isso, a existência selvagem não passaria de um transe civilizado e controlado para o bem disso ou daquilo.

Sendo assim, o que fica do exemplo das pessoas que expressam na rede seus pensamentos mais nefastos é a vontade de reviver os mitos primitivos que fazem referência a um gesto de desrazão, de loucura. A loucura é a paixão poderosa muito criativa, a mais eficaz forma de combater as estruturas rígidas do “sistema”.

Apesar da perspectiva de Maffesoli nos parecer sedutora, ao afirmar a potência das emoções no ambiente virtual, tendemos a pensar também a partir de outros vieses que revelam a farsa humana mediada pela sociedade das imagens midiáticas. Nesse caso, é provável também que, ao invés de rearmos os laços solidários rompidos pela exigência das circunstâncias, nós estivéssemos também sendo controlados pela imagem forçada de bem-estar, onde tudo parece bonito. A sensação de união que temos diante da tela preenche nosso vazio e, assim, entramos em contato com

fatos pontuais e objetivos que se apresentam separados do tecido social que nos constitui. Vivemos cada momento como se fosse um show. Nossos álbuns fotográficos virtuais comprovam isso. Aceitamos cada experiência de vida como se fosse um *Instagram* ou como um relacionamento que pode terminar com um simples clique.

Soma-se a isso o fato de que as experiências postadas não são mais consequências de uma determinada experiência vivida, e sim a causa principal para forjar “realidades” na aparência da imagem. Não é o instante da vivência que interessa e sim como ficcionamos a realidade e inventamos uma suposta felicidade na ilusão de a estarmos vivendo. O resultado disso é o olho iludido de quem vê as imagens na tela e pensa que a vida alheia está melhor e mais divertida do que a sua. É como se a mentira fosse a melhor parte da verdade.

No entanto, algo nos diz, no silêncio mais profundo, que tudo está piorando. Enxergar a nós mesmos refletidos na tela azul do Facebook pode ser altamente terapêutico e transformador, mesmo sendo muitas vezes aterrorizante, pois as mídias sociais revelam o estado da consciência coletiva, revelam a tentativa de fugirmos da nossa humanidade e daquilo que ela tem de melhor, que é a nossa carência.

Essa ideia nos remete à imaginação simbólica (DURAND, 1988) e seu poder de transpor as situações concretas com o objetivo de aperfeiçoar nossa situação no mundo. De acordo com Durand (1988), a Imaginação possui um caráter eufemizante que atua constantemente na tentativa de amenizar a nossa dor ao recusarmos o acontecimento trágico (a morte). O ser humano tende sempre a transformar o insuportável em suportável. Sendo assim, graças à função eufemizadora da Imaginação, buscamos, nas redes sociais, uma forma de viver uma felicidade exagerada que não existe de fato, porque a vida é feita de dor e imperfeições que tentamos negar. Tudo indica que a suposta busca pela felicidade no virtual não está se realizando. Pelo contrário, expressamos mais o ódio do que a solidariedade. Por vezes, parece que a representação veiculada nas redes sociais têm modificado os afetos, cujos laços humanos parecem estar sendo rompidos pela urgência da vida material, pela sobreposição das polêmicas bipolares ao debate sério sobre que tipo de imagens queremos construir de nós mesmos.

Selecionamos a seguir indícios de uma postura de recusa aos efeitos nefastos do Facebook por parte de usuários ideólogos da sociedade em rede. Pode-se dizer que seja uma tomada de consciência em relação ao lado patológico e antissocial desse meio de comunicação. Eis alguns fragmentos de comentários postados e extraídos para fins deste artigo. Optamos por mostrar apenas o primeiro nome dos usuários, a fim de assegurar-lhes a privacidade, mesmo que as postagens sejam de caráter público.

Percebi na dinâmica da rede social um processo mais patológico do que terapêutico. Senti na pele que o hiperfluxo

contínuo e frenético de posts estava se tornando a antítese da reflexão e da capacidade de informar. Tudo na rede era de alguma forma crível e equivalente. A ferramenta de comunicação que um dia me pareceu tão propícia à transformação da consciência coletiva havia se tornado uma deprimente gruta de ideias cristalizadas, raciocínios curtos e polêmicas passageiras. O Facebook dava status de debate ao mero bate-boca ou a linchamentos sumários. (Bruno)

Eu sinto nesse tipo de opinião uma ideia de que o Facebook é o meio de conectar as pessoas, e que qualquer conexão é equivalente. Não é. O Facebook tem censura, dá medidas diferentes a assuntos diferentes, não consegue filtrar opiniões relevantes, separar o sinal do ruído, nada disso. Existem outras ferramentas (bem menos populares) que conseguem, até porque foram feitas para isso. Essa ideia de dizer que "O Facebook é um saco, cansei do mundo online" é a mesma coisa que dizer "Fusca dá problema, nunca mais vou pegar estrada". Só que o fato de ele ser tão popular fez com que, mesmo ruim para discussões sérias, ele fosse usado para isso. Agora a gente está descobrindo o que a gente já sabia: o Facebook é ruim para discussões sérias. (Rafael)

O Facebook é um achado tecnológico. O resto é com as pessoas. (Paulo)

O fb tem também característica de fabricação: super amplificar até dar microfonia. Funciona p dar relevo a gatos e pores do sol e seria a cura da timidez. O motivo é o botão Curtir, apenas gostar. Empurra todo o conteúdo numa mesma exacerbada direção. Idealmente para o alto astral. Quando resolvemos usar para debate e discussão, vence quem começa a atrair atenção pelo grito, pelo ad hominem, os truques de imprensa marrom. Se queremos continuar a usar a ferramenta, bem boa p sinal, precisamos trazer uma funcionalidade de freio, de realimentação negativa, de equilíbrio. (Schmidt)

Minha decepção com o FB/GritariaOnLine não é uma sentença capital. E nem tanto pessoal assim. Acho que é uma sensação cada vez mais comum, mas ainda um tanto silenciosa por aqui. Claro que é uma ferramenta poderosa. E ainda a uso como forma de difundir minhas ideias e cavar relevância como cidadão. Mas insisto no meu ponto de que o nível desce muito rápido em uma espiral possivelmente patológica por aqui. Com consequências políticas, neuropolíticas na verdade, ainda mal compreendidas. (Bruno)

Podemos observar que, ao mesmo tempo em que o Facebook constrói novas roupagens arquetipais de laços afetivos, também produz uma insatisfação cada vez mais constante e consciente de que algo está

errado. As promessas de uma nova comunicação humana no espaço da rede não se concretizaram até o momento. Ao invés do espírito de comunidade, o que se vê são rupturas ocasionadas por sentimentos de ódio e intolerância. Uma leve sensação de que a vida, em sua amplitude, não cabe em uma *time line*.

A transfiguração do outro...

Se o Facebook revela uma vida para o consumo, com pessoas se expondo como mercadorias, contando quantas curtidas recebeu ou quantos comentários foram feitos ao seu “tomando lanche na praça”, parece que cabe uma pergunta importante: não haveria uma debilidade simbólica ou o bloqueio de um único regime do Imaginário (DURAND, 2011) – uma enfermidade pessoal e coletiva – sendo revelada por esse emaranhado de faces no Face? Como diz Barcellos (2012, p. 23), “há deuses em nosso consumo”; por isso, ao “buscarmos pela alma do consumo, lançamo-nos, sempre mais desconfortavelmente, no jogo entre necessidade e supérfluo, entre frívolo e essencial”. Se, de fato, muitos querem se ofertar aos olhos do outro, talvez isso seja um pedido inconsciente de uma decadência humana que resvalou pelo desfiladeiro da incompletude, em que cada pedra se tornou um sinal de perda de si. O outro passa a ser o si mesmo na própria perdição, pois esse outro, ao mesmo tempo em que é alvejado pelo meu “sentido-se feliz ou triste :) : (“, é convocado a curtir ou comentar, sob pena de ser questionado por mensagem *in box* ou, no melhor ou pior dos casos, ser extinguido pelo mecanismo de “desfazer amizade”. Esse outro, ludibriado para ser feito comprador de uma vida invisível, a minha, a nossa, é negado em sua presença, em sua importância como parte de mim, de nós mesmos. Portanto, a perda de si mesmo se dá no outro, já que ao torturá-lo com os meus choramingões estúpidos, ignoro-o completamente como um outro capaz de fazer escolhas, inclusive de curtir ou não curtir um *post*. Acreditamos ser premente a reconstituição da dimensão simbólica em nossas vidas, do que ela tem de grandeza e pequenez.

Na tentativa de concluir o inconclusivo

Por fim, o que desejamos foi alavancar algumas problematizações sobre o tema em questão para que o Facebook, como imagem presente neste século, não seja, apenas, mais uma imagem “enlatada” que “paralisa qualquer consumidor passivo” (DURAND, 2001, p. 118).

Importa ressaltá-lo como um lugar de encontros, desencontros e reencontros! Quantas pessoas que, há muito tempo se ausentaram umas das outras, não se aproximaram por conta dos seus perfis virtuais? Muitas comunidades se criaram em razão desses encontros, o que talvez, nos tempos das cartas, não seria possível. Poder reencontrar um amigo, um

parente ou até mesmo aquela pessoa que nos fez mal pode tornar uma pessoa solitária menos solitária. A diferença é que no tempo das cartas não era possível bisbilhotar a vida do outro, talvez a vida de *voyeur* fosse menos comum. No tempo das cartas, havia a saudável espera da resposta, e se ela não vinha, mil possibilidades despontavam no horizonte. Será que a carta extraviou? O carteiro errou o endereço? O cachorro comeu? Ou ainda, mais improvável de acreditar, será que a pessoa recebeu e não quis responder ou morreu? Em tempos mais ligeiros, às vezes de uma ligeireza um tanto perversa, as pessoas trocam mensagens quase que instantaneamente; as respostas podem não ser imediatas, mas você tem certeza de que foram entregues, não mais na caixa dos correios, mas na caixa de entrada. Diferente dos escritores de cartas, os facebookianos não toleram uma variedade de suposições sobre os motivos que levaram o “destinatário” a não responder a sua mensagem. A tal palavrinha “visualizada” denuncia que alguém recebeu a carta, supostamente o remetente. No tempo das cartas, caso o destinatário simplesmente não tivesse vontade de responder, não respondia, e essa atitude não traria tantos problemas para sua relação com o remetente, pois várias possibilidades se abriam para uma eventual falta de resposta. Em tempo de mensagens visualizadas, parece uma ofensa não receber uma resposta imediata. Para o remetente, um alerta: nem sempre a pessoa leu a mensagem, talvez tenha visualizado *en passant*, porque outras mensagens aguardavam a mesma atenção, mesmo que uma atenção precária. E para o destinatário: procure responder as mensagens, não importa se demorar, mas responda, principalmente se este for seu principal meio de contato. Por fim, é lamentável que a época em que vivemos transformou as belas e laboriosas cartas em simples mensagens; muitas delas querendo ser respondidas prontamente, como se o outro estivesse o tempo todo às nossas ordens. Temos a sensação de que aquele olhar atento para cada letra vai se esvanecendo frente à fugacidade dos olhos distanciados que perdem o sabor de cada palavra escrita. O Facebook pode transformar uma amizade virtual em uma amizade honesta, em que as pessoas estejam presentes e possam trocar intimidades como os verdadeiros amigos fazem. Ou, talvez, por uma mensagem não respondida na hora, uma “amizade” possa se romper, talvez porque nunca tivesse sido uma amizade de verdade, apenas um passatempo com um desconhecido. Às vezes, o mundo virtual dessa rede social pode tornar as pessoas triviais demais para quem é tão solitário, a ponto de o mundo não ser o bastante para preencher tamanho vazio. A felicidade parece sim, paradoxal (LIPOVETSKY, 2007), como atesta Lipovestky; algumas pessoas vivem momentos felizes; outras são umas infelizes felizes que, para aplacar o próprio e desconhecido ódio de si, falseiam o verdadeiro gozo. O Facebook também é prova disso!

As redes sociais também são marcadas pelos espertalhões de plantão, os fora-da-lei convencionais, que em vez de terem atitudes

construtivas, como subverterem o injusto e o instituído agir excludente, proclamam suas vitórias, varrendo a vida alheia com invenções insanas que não fazem mais do que demonstrar o descabro humano. O Facebook também tem os invasores, não de terras, mas de perfis. Ou ainda, torna-se um ambiente que, na dificuldade de ser alguém coerente consigo próprio, prefere aterrorizar o outro, como se o outro fosse culpado pelas suas venturas arruinadas. Roubar o perfil do outro, molestar a vida alheia pode ser um ato daquele que sente que não tem algo em si, embora não reconheça, ou daquele maldoso ser que, infeliz que é, não suporta ver a alegria estampada na face alheia. Por outro lado, por meio de atos perversos podem nascer laços de convivência. Da mesma forma que na crise se pensa em uma saída para algo novo e para um mundo mais harmonioso, de relações que não sejam marcadas pelo individualismo e pelo interesse somente em si próprio, mas por relações verdadeiramente humanas, em que uns respeitem os outros, em uma vida de consensos, em uma vida de consensualidade, cujo convívio é marcado não mais pela indução, mas pela sedução do outro. Esses laços de convivência fazem as pessoas crescerem em parceria, pautadas na força motriz da solidariedade. São laços que exigem uma vida vivida na “ordem do imediato, do presente que é urgente viver e experimentar” (MAFFESOLI, 2014, p. 30). Não o imediato do tempo fugaz, mas o imediato do tempo presente, do tempo que pede para ser experienciado, aqui e agora. As relações virtuais, facebookianas, quando transpostas para a realidade concreta, podem se transformar em verdadeiras comunhões de pensares, dizeres e fazeres, um verdadeiro habitar humano (MATURANA HOMESÍN; DÁVILA YAÑEZ, 2009).

Esse território movediço, que ele nos apresenta, é perigoso por atrair as pessoas mais egocêntricas e cínicas, que se preocupam mais em publicar suas idiosincrasias mais insossas do que tornar esse canal uma ferramenta de aprendizado. Postagens do tipo “almoçando costela com mandioca” ou “nesta semana emagreci 2 kg” é sinal de uma vida pouco interessante, de mostrar o trivial que para muitas pessoas não tem nenhuma importância. Assim como Deus, muitas pessoas não estão preocupadas se você comeu soja ou filé mignon no almoço, ou se você está em sua casa ou na casa da sua tia, do outro lado do mundo. Parece-nos que a urgência é atrair holofotes, mesmo que sejam aqueles bem fraquinhos, para iluminar um ego praticamente perdido na escuridão medíocre em que algumas pessoas se encontram. Pior ainda são as mensagens no estilo “sentindo-se triste: (“; que só faltam suplicar para que uma avalanche de perguntas do tipo “o que aconteceu?”, “você está bem?” venham ao seu encontro, no seu mais desinteressante mundo. Da mesma forma que as pessoas se expõem, também elas podem se proteger das intempéries vindas das pessoas mais insanas e agressivas. Sim, temos a ferramenta de “deletar” ou bloquear as pessoas do nosso “convívio” virtual. Porém, não podemos nos esquecer:

o outro nem sempre é responsável pelos nossos desajustes mentais. Afugentar a fera que está no outro nem sempre nos faz compreender a fera que nos morde por dentro; pelo contrário, torna-nos cada vez menos conscientes do que fazemos e do que podemos fazer. Além disso, não encarar o outro pode ser uma forma de manter recolhido o nosso amor, o nosso ódio ou a nossa indiferença diante de nós mesmos. No entanto, é também por esse canal, às vezes pouco confiável, que trocamos informações valiosas e nos apercebemos dos perigos que nos rodeiam, das armadilhas do mundo político, das injustiças sociais e do sofrimento do mundo. É por meio desse rio virtual, nem sempre limpo, que vemos as belezas naturais do mundo, os bons falantes e os bons pensantes. De algum modo, é também a “sala de aula”, que muitos utilizam, muito bem por sinal, para saírem da ignorância.

Por entre luzes e sombras, vamos transitando neste território de Hermes, buscando a melhor medida para adentrarmos ao reino de Zeus e de Hades e apreendermos quais imagens, de fato, constituem-nos como seres humanos, navegantes nesse emaranhado de possibilidade que a vida nos oferece. Quando caminhamos pela encruzilhada, orientados por uma razão hermesiana, nada nos sucumbe, nem a sombra nefasta que rapta nossa ânsia de viver, nem a luz ofuscante que esconde os ladrilhos de seda por onde caminha o *homo symbolicus*.

Notas

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Associada da Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: lp1709@gmail.com

** Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: polaris.astro@gmail.com

*** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul, Câmpus Bagé). E-mail: lisandromoura@gmail.com

Referências

BARCELLOS, Gustavo. **Psique e imagem**. Estudos de psicologia arquetípica. Petrópolis: Vozes, 2012.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. Tareas del espíritu e imperativos del ser. In: **La crisis espiritual en occidente**. Las conferencias de Eranos. Madrid, Siruela, 2011, p. 31-72.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **O Imaginário.** Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal.** Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____. **A contemplação do mundo.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **Elogio da razão sensível.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Homo Eroticus:** comunhões emocionais. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MATURANA HOMESÍN, Humberto; DÁVILA YÁNEZ, Ximena. **Habitar humano.** Em seis ensaios de biologia-cultural. São Paulo: Palas Athena, 2009.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro.** Campinas: Papyrus, 1991.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. As formas de expressão do imaginário e as estruturas paradoxais da linguagem simbólica das imagens. **Educere et Educare**, Cascavel, v. 8, n. 16, p. 311-319, jul./dez. 2013.

Recebido em: junho de 2015.
Aprovado em: julho de 2015.